

Uma experiência de educação sexual em turmas de sétimo ano

*Fábio Luiz da Silva**

Resumo: A educação sexual nas escolas vem recebendo diversas contribuições positivas nos últimos tempos. Então, apesar de alguma resistência ainda existente na sociedade, o assunto já faz parte até mesmo dos documentos oficiais. Sinal de que alguma mudança ocorreu nos últimos anos. Foi diante disso realizada uma atividade com alunos de sétimo ano do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina. Através das perguntas, que os alunos puderam fazer livremente, podemos concluir pela urgência de projetos que tratem desse assunto nas escolas.

Palavras-chave: Educação sexual; Colégio Aplicação; Escola.

Abstract: The sexual education in the schools have been receiving various positive contributions in the later times. So, although some resistance still exists in society, this subject is even part of official documents, sign that a change happened in the past few years. This way, an activity was carried out with students from the seventh year of the Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina. The students were free to make questions about the subject, showing the urgency of projects boarding the sexual education.

Keywords: Sexual education; Colégio Aplicação; School.

* Doutor em História, professor de História Contemporânea na Universidade Norte do Paraná e do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina – Prof. José Aloísio Aragão. E-mail: fabioluiz2@sercomtel.com.br

Quando eu realizava o estágio, ainda na época da faculdade, uma situação me deixou surpreso. Era uma turma de quinta série de uma das melhores escolas públicas da cidade. O assunto da aula era a colonização do Brasil e eu era encarregado de falar sobre os índios. Muito bem, lá estava eu explicando elementos da cultura indígena quando uma menina levantou o braço. Ela queria fazer uma pergunta. Eu dei a palavra a ela. Então, veio o inesperado: ela queria saber o que as índias faziam quando ficavam menstruadas.

Aquela questão me pegou de surpresa por dois motivos: primeiro eu não sabia, jamais havia pensado nesse problema e, em segundo, não passava pela minha cabeça, na época, que uma criança de dez anos sequer soubesse o que era menstruação. Lembro-me de desviar a conversa para não responder.

Pouco tempo depois, já recém-formado, comecei a lecionar para uma sétima série. Na sala havia uma menina que faltava muito e estudava pouco. Certo dia ela apareceu grávida. Alguns anos mais tarde, uma aluna de uma turma de sexta série ficou grávida. Enfim, quando leciono para o Ensino Médio sempre tenho alunas grávidas ou alunos que vão ser pais. Numa aula de uma colega professora aconteceu certa vez de um aluno mostrar o seu pênis para ela. Pouco tempo atrás, a mídia cobriu, indignada, o caso de um vídeo produzido no banheiro de uma importante escola de Curitiba.

Certamente, qualquer professor é capaz de citar exemplos semelhantes. São casos que demonstram explicitamente que a sexualidade está presente no dia a dia das escolas. Certamente não resolveremos todos os problemas, mas não adianta ignorar ou fingir que eles não são nossos. É certo também que nós, professores de História, devemos ensinar a disciplina para a qual estudamos. Mas incorporar um tema como esse entre os assuntos próprios da História certamente contribuirá para a educação geral de nossos alunos.

A abordagem interdisciplinar pode contribuir para a busca de resoluções fundadas em raciocínio crítico e conhecimento na problematização

dos temas referentes à sexualidade por parte dos adolescentes, de uma forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem (TONATTO; SAPIRO, 2002, p. 23).

É justamente o contexto em que os adolescentes vivem que justifica amplamente que se trate desse tema em sala de aula. São múltiplas as fontes de informação disponíveis aos jovens de hoje. Os meios de comunicação contemporâneos acabaram por alterar os limites entre o público e o privado que vinham sendo estabelecidos na sociedade ocidental desde o Renascimento. No entanto, a qualidade dessas informações não pode ser garantida. A internet, em especial, mas a televisão igualmente, transmitem inúmeras ideias e valores. Assim, ignorar que os jovens estão expostos a todo tipo de informação não é apenas *tapar o sol com a peneira* mas ficar no espaço confortável da irresponsabilidade.

No entanto, ainda encontramos alguma resistência da comunidade escolar em relação ao tema. O primeiro caso de problema, na escola, em relação a esse tema data de 1954, quando um professor, acusado de imoralidade por explicar a reprodução humana, acabou por ser demitido (ANAMI; FIGUEIRO, 2009). Depois desse, vários casos de incompreensão e preconceito ocorreram. Inclusive outras demissões. É certo que não mais seremos vítimas em interrogatórios do DOPS, como aconteceu entre 1972 e 1973 quando a leitura do livro *O Caneco de prata*, de João Carlos Marinho, foi questionada por um pai (ex-militar) de uma aluna (ROSEMBERG, 1985). Apesar disso, ainda há muito receio por parte dos professores em tratar desse tema em sala de aula.

Diante disso, propusemos este trabalho com as três turmas de sexta série (ou sétimo ano) do Colégio Estadual Prof. José Aloísio Aragão – Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina. São alunos que passam pelos períodos da puberdade e da pré-adolescência. É de conhecimento de todos que essa é uma época de intensa curiosidade natural em relação à sexualidade. Curiosidade incentivada pelos muitos fragmentos de informação disponíveis através da mídia. Além disso, as possibilidades dos

meios de comunicação contemporâneos trazem novas questões sobre os limites entre o público e o privado. A sexualidade, que era entendida como um assunto tipicamente privado (e esse é o discurso dos que discordam da educação sexual na escola), está cada vez mais no espaço público. É nesse sentido que Altmann (2001, P. 575-576) afirma e questiona:

O tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. Recentemente ela, a sexualidade, foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em tema transversal. [...] Por que a sexualidade tornou-se um problema em franca expansão por todo o campo pedagógico, atravessando as fronteiras das diversas disciplinas? Por que o poder público busca constituir políticas para gerir esta questão? O que explica o fato de a sexualidade ter se constituído como importante foco de investimento político e excepcional instrumento de tecnologias de governo?

A resposta a essas questões está justamente na alteração da dinâmica entre espaço público e espaço privado. Isso nas duas dimensões em que podemos pensar as relações de força que movimentam esses espaços. Na primeira, o público refere-se ao espaço do Estado e o privado ao do indivíduo. Nesse caso, ao criar elementos oficiais para regular o tratamento do tema sexualidade nas escolas (os PCNs, por exemplo), o Estado está reconhecendo que houve um deslocamento dessa questão para a esfera pública.

A sexualidade adolescente desponta como um importante foco de investimento político e instrumento de tecnologia de governo, sendo a escola um espaço privilegiado de intervenção sobre a conduta sexual dos/as estudantes (ALTMANN, 2003, p. 285).

Na segunda dimensão, público diz respeito à visibilidade de nossa vida privada. Podemos citar um exemplo simples e importante: os adolescentes, mas não apenas eles, têm colocado cada vez mais fotos em sites de relacionamento. Fotos de todos

os tipos, mas que, há apenas alguns anos, ficariam guardadas em álbuns no fundo de gavetas ou dentro de armários.

Ainda segundo Altmann (2001), os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, ao apresentar a sexualidade como tema transversal, propõem que ele deve impregnar todas as ações educativas na escola. Sendo que os documentos oficiais indicam que a partir da quinta série (sexto ano) o tema comporta uma sistematização e espaço específico.

O projeto, portanto, vem colaborar com a formação sadia e consciente desses alunos e alunas. Ao mesmo tempo em que aproveitamos a oportunidade para levantarmos com os alunos as questões da diversidade de gênero, tema impossível de desencilhar da questão da sexualidade.

Metodologia

A atividade se desenvolveu da seguinte forma: foi construída uma caixa colorida, como uma urna, onde os alunos puderam colocar suas dúvidas por escrito. Os alunos não eram obrigados a participar da atividade e as perguntas eram todas anônimas. As perguntas foram separadas por turma e lidas pelo professor. Depois dessa fase, o professor voltou às turmas para responder às questões formuladas. Um a um os pequenos pedaços de papel foram sendo lidos e respondidos. À medida que o professor comentava as questões, outras apareciam e eram expressas diretamente ao professor. Em algumas situações, foram utilizadas imagens do corpo humano e dos aparelhos reprodutores para tornar a explicação mais clara.

Como encerramento das atividades do projeto, o professor debateu com os alunos a questão da desigualdade entre os gêneros. Através de uma explicação histórica da origem dessa realidade, os alunos puderam refletir sobre suas crenças e comportamentos.

Resultados

O primeiro objetivo da atividade era que era descobrir as principais dúvidas e questionamentos dos alunos a respeito dos temas relacionados com a sexualidade. Pudemos observar que esse objetivo foi alcançado. Através da metodologia empregada, foi possível verificar as questões mais importantes para os alunos das sextas séries (sétimos anos) pesquisadas. As perguntas feitas pelos alunos, frequentemente, surpreendem quem não convive com estudantes no dia a dia. Há pessoas que ainda ignoram ou preferem ignorar a grande quantidade de informações às quais as crianças e os jovens estão expostos.

Os resultados também demonstram que os alunos estabeleceram uma relação de bastante confiança com o professor. Sinal de que acreditaram na seriedade da atividade. Isso pode ser comprovado pelos tipos de perguntas que entregaram por escrito ao professor e pelas intervenções diretas durante o projeto.

A seguir, algumas das dúvidas apresentadas pelos alunos por escrito:

1) Perguntas sobre a gravidez:

- “mulher pode engravidar com quantos anos exatamente?”
- “sobre a gravidez qual é mais saudável fazer cesaria ou parto normal?”

2) Perguntas sobre o ato sexual:

- “professor, por que a mulher geme?”
- “quanto tempo pode durar a relação sexual?”
- “qual é o risco de fazer sexo sem camisinha?”
- “o que é orgasmo?”

3) Perguntas sobre masturbação:

- “quando os meninos ou meninas se masturbam eles ou elas sentem prazer?”
- “qual é o jeito certo de bater punheta?”

4) Perguntas sobre menstruação:

- “por que tem menina quando está na menstruação nasce mais espinhas?”

5) Perguntas sobre AIDS:

- “se a pessoa tiver com AIDS e um machucado na boca e ela beijar outra pessoa a pessoa pega aids?”
- “ainda se você usar camisinha tem jeito de pegar AIDS ou engravidar a mulher?”

6) Perguntas sobre homossexualidade:

- “mulher com mulher ou homem com homem é mais fácil de pegar doenças?”

Apesar de não termos quantificado as respostas por assunto, pudemos perceber que obtivemos uma variação de temas semelhante a uma pesquisa realizada por Maia no final da década de 90. Realizando uma atividade semelhante à nossa, Maia elaborou a seguinte tabela com as dúvidas sobre sexualidade recolhidas em uma escola pública de Bauru/SP (1998):

TEMAS	Número de respostas	%
Menstruação/menopausa	25	14,9
Relação sexual/sexo	23	13,7
Excitação/tesão	19	11,3
Masturbação	15	8,9
Anticoncepção	15	8,9
Gravidez	09	5,3

O segundo objetivo era sanar as dúvidas apresentadas pelos alunos. Como a avaliação foi informal, durante o processo, é provável que esse objetivo tenha sido apenas parcialmente atingido. No entanto, pudemos constatar que, pelos exemplos anteriores, os alunos são capazes de elaborar perguntas muito interessantes, mesmo quando usam a linguagem coloquial. Muitas perguntas sobre menstruação, ato sexual e masturbação demonstram não apenas as ansiedades típicas dessa idade, mas também reafirmam a informação de que eles não têm muito espaço para sanar essas dúvidas. Daí a importância de atividades como essa na escola. Uma observação bastante séria que pudemos fazer, assim como Maia (1998) afirmou, foi a falta de conhecimento básico sobre a anatomia e funcionamento do corpo.

Ao final da atividade, apresentamos a seguinte pergunta aos alunos: “Qual a importância de projetos de educação sexual nas escolas?” e obtivemos respostas como essas:

- “bem importante, fala para as pessoas coisas que eles não tem coragem de discutir com os pais”
- “a importância e que tem coisas que nós temos vergonha ou somos tímidos e não perguntamos mas aqui e com isso a gente consegue entender ou conhecer e saber coisas que nós não sabemos”
- “para que as pessoas não fazer sexo muito cedo”

- “bom é importante porque dentro de uma sala de aula os alunos aprendem da maneira correta, e aprendem da maneira correta, e levam o assunto muito mais a sério”

Muitos alunos apresentaram variações das respostas acima. Muitos reafirmaram a ideia de que a educação sexual na escola é para evitar a gravidez precoce ou as doenças. Diversos deles indicaram que a escola é um lugar onde podem perguntar e obter respostas corretas. Certamente a gravidez precoce e as doenças são objetos da educação sexual, no entanto, essa é uma perspectiva limitada. Isso nos desafia a aperfeiçoar a atividade e a reaplicá-la em outra turma.

Referências

ANAMI, Leticia Figueiró; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: UEL/MEC, 2009. Disponível em: http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf#page=100. Acesso em: 10 dez. 2010.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, Florianópolis, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 10 dez. 2010.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. In: *Cadernos Pagu*, n. 21, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 18 out. 2010.

MAIA, Ana C. B. Informações sobre temas relativos à sexualidade em um grupo de adolescentes de uma escola pública de Bauru – SP. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 41-58, 1998. Disponível em: <http://www.usc.br/pos/revistas/mimesis/Mimesis-pdf/Mimesis%20v.19%20n.1%20-%201998.pdf#page=41> Acesso em: 20 jun. 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 53, maio 1985, p. 11-19. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/678.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2010.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, Florianópolis, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000100002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10 dez. 2010.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. In: *Psicologia Social*, v. 14, n. 2, jul./dez., 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000200009&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 05 set. 2010.